

NOTA

I Seminário

Interseccionalidade na Geografia: Espacialidades, Gênero e Sexualidades

21 a 23 de outubro de 2019

por Caio Gusmão Ferrer de Almeida¹

A presente nota busca registrar as impressões obtidas com a realização do I Seminário Interseccionalidade na Geografia: Espacialidades, Gênero e Sexualidades na Universidade Estadual de Campinas, na cidade de Campinas, entre os dias 21 e 23 de outubro de 2019. Considero o evento como um encontro potente, através das afetividades, como também um movimento social e desarticulação de hegemonias para abertura do pensamento geográfico para um debate mais amplo, difundindo trabalhos, pesquisas através de discussões e reflexão sobre questões como gênero, invisibilidade do trabalho acadêmico das mulheres, as migrações LGBTTQIA², visibilizando as violências e os silenciamentos. Para germinar táticas e potências, para seguirmos pesquisando e resistindo.

* * *

- 1 Primeiramente, agradeço a todxs que possibilitaram esta nota e que me ajudaram na revisão. Caio Gusmão Ferrer de Almeida foi integrante da Comissão Organizadora do I Seminário Interseccionalidade na Geografia: espacialidade, gênero e sexualidades. Demais integrantes: Beatrice Menezes de Brito, Mayra Abboudi Brasco, Luiz Fernando Vieira dos Santos e Lucas Costa André. Agradecimentos especiais a Beatrice Menezes, Luiz Fernando Vieira dos Santos, Heloísa Santos Molina Lopes e à Comissão Organizadora da XII Semana de Geografia da Unicamp *Por uma Geografia Afrocentrada — África e suas diásporas* pelo apoio, força e parceria para serem realizados eventos na coetaneidade do segundo semestre de 2019.
- 2 Adotamos esta sigla para abarcar as diversidades das dissidências e performatividades que combatem a binariedade de gênero e também a heterossexualidade compulsória. Na sigla LGBTTQIA estão inclusxs xs Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer, Intersex e Assexuais.



Grupo de Estudos
Geografias de Gênero e
Sexualidades
convidam:

I SEMINÁRIO INTERSECCIONALIDADE NA GEOGRAFIA: ESPACIALIDADES, GÊNERO E SEXUALIDADES

21 DE OUTUBRO
ESPACIALIDADES, VIOLÊNCIAS E
MIGRAÇÕES LGBTQIA+
DIEGO MIRANDA NUNES (FURG)
PROFA. DRA. ISADORA LINS FRANÇA (UNICAMP)
VINICIUS SANTOS ALMEIDA (USP)

22 DE OUTUBRO
INTERSECCIONALIDADES NA GEOGRAFIA
PROFA. DRA. JOSELI MARIA SILVA (UEPG)
SAYONARA NOGUEIRA (INSTITUTO BRASILEIRO TRANS DE EDUCAÇÃO)

21 E 22 DE
OUTUBRO DE 2019

Instituto de Geociências
Universidade Estadual de Campinas | UNICAMP

Realização:

Grupo de Estudos
Geografias de Gênero e
Sexualidades



apoio:

PRGO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



Obra de Lyz Parayzo, UnhaNavalha #2. Imagem cortesia artista Lyz Parayzo.

Cartaz do I Seminário Interseccionalidade na Geografia: Espacialidades, Gênero e Sexualidades

Ela despraticava as normas
Manoel de Barros, Memórias Inventadas

Acredito que realizar o seminário *Interseccionalidade na Geografia: espacialidades, gênero e sexualidades* foi uma estratégia, a partir de um posicionamento político e de militância. Pensar num evento para abordar pesquisas que são realizadas há mais de vinte anos dentro da Geografia Brasileira, mas que ainda encontram percursos de enfrentamento por terem fundamento em epistemologias feministas e *queer*, como também ambientes repletos de lgbtfobia ou preconceitos. Ou ainda instituições que impermeabilizam as questões ligadas à corporalidade e espaço. O evento, que aconteceu no Instituto de Geociências, leva a interseccionalidade³ como articulador de encontros e pesquisas, uma ferramenta metodológica que está sendo abordada em trabalhos nas Ciências Humanas e as Geográficas.

Como apontado no livro *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial* (SILVA e SILVA, 2011), é necessário ampliar o debate para além do dualismo binário que retira a possibilidade de uma análise da diversidade e complexidade. O evento também foi pensado por entender que as experiências das pessoas são concretas, sendo assim são espaciais. E potencializar a interseccionalidade articulada com a imaginação geográfica nós faz pensar sobre como

as pessoas e também suas espacialidades se realizam em um constante processo de fazer e desfazer de interseccionalidades identitárias. Esta perspectiva de articulação identitária, embora tenha sido disseminada como criação recente, possui uma longa trajetória intelectual e de resistência que foi encoberta pela adoção de perspectivas hegemônicas do saber (SILVA e SILVA, 2011).

Neste movimento, entender a importância do feminismo negro que traz várias formas e ideias para relativismos, práticas, articulações e pluralidades. Na realização deste evento foi possível o encontro entre pesquisadores, professores e estudantes para conhecer a produção de geografias feministas, *queer*, sociais e culturais.

3 A Interseccionalidade, conforme aponta Akotirene (2018), é uma ferramenta metodológica disputada na encruzilhada acadêmica. Esta forma analítica colocava por feministas negras em debate, iniciada pela jurista estadunidense, a professora da teoria crítica de raça Kimberlé Crenshaw, no âmbito das leis antidiscriminação. A interseccionalidade completa já trinta anos, sendo uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado, que expunham como as mulheres negras eram mais vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. É sempre importante lembrar a origem afrocêntrica, seus fundamentos e propostas epistemológicas vindas das feministas negras.

Os temas sobre as espacialidades, gênero e as sexualidades foram centrais no Seminário como resposta aos ataques que a população dissidente (Travesti, Transsexuais, Intersex, Lésbicas, Gays) e negra vem sofrendo historicamente no Brasil, e que no ano de 2019 foram potencializados com a ascensão de governos reacionários, violentos, de direita, misóginos, lgbtfóbicos e racistas no Brasil e na América Latina. Desde o Grupo de Estudos Geografias de Gênero e Sexualidades, que teve início no mesmo ano com encontros quinzenais para estudar e conhecer os debates neste campo, propomos este evento como um marco dentro da Geografia da Unicamp, num movimento de expansão de perspectivas e imaginários geográficos mais complexos, questionando e refletindo sobre nossas pesquisas-vidas-práticas e experiências.

Outra posicionalidade fundamental é trazer ao debate a flexibilidade que as epistemologias feministas que “denunciaram que a Geografia é hegemonicamente masculina, branca, ocidental, heterossexual e elitizada” (SILVA, 2009; SILVA, ORNAT e CHIMIN, 2013).

O evento foi iniciado no dia 21 de outubro de 2019, com o tema “Espacialidades, violências e migrações LGBTQIA+”. Contou com as contribuições dxs pesquisadorxs (pesquisadora e pesquisadores) Prof^ª Dr^ª Isadora Lins França⁴ (PAGU/Unicamp), Msc. Vinicius Santos Almeida (USP) e Msc. Diego Miranda Nunes (FURG), com mediação do Prof. Dr. Marko Monteiro (DPCT/Unicamp).

Nesta mesa plural foram apresentados trabalhos que de diversas maneiras abordam nossa realidade atual, desde uma pesquisa sobre a migração homossexual entre Brasil e Espanha realizada pela Prof^ª Dr^ª Isadora Lins França do Núcleo de Estudos de Gênero — PAGU. Através de um viés sociológico escutamos sobre questões econômicas, sociais e modos de vivência de um turista gay até um dissidente que migra para conseguir viver sua sexualidade e trabalhar como prestador de serviços em outros países. Através de uma pesquisa com entrevistas, França nos faz pensar sobre relações socioespaciais que são implicadas na migração internacional de dissidentes.

Passamos depois à discussão sobre uma pesquisa que propõe pensar a cartografia queer dos corpos, corpes e corpos dissidentes fogem das normas sexuais e de gênero em São Paulo, articulando autores como Milton Santos, a Judith Butler, o Paul Preciado e Jacques Lévy, entre outros. Vinicius Santos Almeida, atualmente

4 Para saber mais, recomendamos os trabalhos FRANÇA, I. L. *Vivendo em liberdade? Homossexualidade, diferenças e desigualdades entre brasileiros na Espanha*. Travessia (São Paulo), v. 28, p. 13-28, 2016 e FRANÇA, I. L. *Refugiados LGBTI: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência*. Cadernos Pagu, v. 50, p. e175006, 2017.

mestre pela USP⁵, apresentou no debate o mapeamento desde as violências notificadas ao LGBTTTQIA até mapeamentos mentais através de entrevistas com dissidentes da cidade de São Paulo, defendida no dia 18 de dezembro de 2019 na FFLCH (USP). Importante colocar que Vinicius une metodologia e encadeamentos ao pensamento em como articular mapeamentos, cartografias outras, mas também articular autores múltiplos que vão questionar a tecnologia de poder e normativa. O mesmo apresentou um vídeo — ONDE É SEGURO? / ONDE NÃO É SEGURO? — com relatos e imagens que sensibilizam as violências físicas, psíquicas e invisibilizadas no cotidiano urbano.

Depois contamos com a importantíssima participação de Diego M. Nunes, que mostrou seu trabalho pioneiro do estudo sobre as diferentes dimensões e tensões da realidade (*offline* ou *online*), do mundo, do planeta e das relações socioespaciais de poder⁶. Refletindo também sobre a produção das masculinidades e socioespacialidades produzidas por homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder, trabalho que no início do ano de 2019 foi atacado por diversos movimentos conservadores, desqualificando a produção científica do autor⁷. O mestre realizou entrevistas com profundidade, abordou a geografia e o ciberespaço, as constituições de masculinidades e as sexualidades. Também a partir do ataque sofrido, faz-se necessário fazermos pesquisas que se debruçam para o espaço virtual e nossos corpos, corpas e corpos cyborgs. E refletirmos muito sobre o ambiente acadêmico que criam desarticulações, adoecimentos e também deslegitimam trabalhos que buscam outras alternativas para a nossa atualidade.

Promover a participação de mestrands que estão iniciando seu trabalho e carreira acadêmica foi um ato político e de posicionamento, para a abertura aos novos pensamentos, desenvolvimentos pessoais e encontros com pesquisadores mais reconhecidos. Foi criada esta estratégia e outras práticas afetivas para fomentar o encontro entre companheirxs que lutam, militam e pesquisam em linhas de pesquisa que se atravessam. Criando reconhecimento das trajetórias do “aqui” e “agora”, fortalecendo possíveis redes de trabalho.

5 Dissertação de Vinicius Santos Almeida, *Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo*, 2019.

6 Dissertação de Diego Miranda Nunes, *A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande-RS*, 2019.

7 Nota de esclarecimento da professora do PPGeo manifesta-se sobre conteúdo divulgado a respeito de dissertação de mestrado de seu orientando. Disponível em: <<https://www.furg.br/reitoria/informes-da-reitoria/nota-de-esclarecimento>>. Acessado em 3/1/2020.

Eu ainda tenho medo de sofrer injustamente.

Não retire meus direitos
de viver dignamente.

Paula Benett

Na noite do dia 22 de outubro o tema foi “Interseccionalidades na Geografia”, com a participação da Prof^a. Dra. Joseli Maria da Silva (UFGP e GETE – Grupo de Estudos Territoriais) e da professora Sayonara Nogueira (Instituto Brasileiro de Trans Educação e Coordenadora do Núcleo de Diversidade Sexual da Prefeitura Municipal de Uberlândia), com mediação da Prof^a Ma. Heloísa Molina (Geoplan/Unicamp).

A professora Joseli Maria Silva realizou uma fala sobre as *Geografias Feministas na América Latina e a Luta por um Lugar de Enunciação: o Caso do Brasil*, mostrando as análises realizadas sobre e a produção científica geográfica brasileira e questionando suas bases eurocêntricas, masculinas e brancas, como também mostrou a pesquisa sobre o gênero e a vivência do espaço de produção científica geográfica paranaense. Joseli tem uma trajetória larga como pesquisadora feminista. É representante do Brasil na União Geográfica Internacional — Seção Gênero desde 2011 e é membro da Comissão de Coordenação da Rede Ibero-Latinoamericana de Geografia Gênero desde 2010. Em sua palestra, abordou desde questionamentos sobre a tradição e construção da epistemologia científica da geografia baseada em pensamentos masculinos, brancos e heterossexuais, finalizando mostrando o tempo-espaço de pesquisadores e suas atribuições semanais, desde o trabalho institucional e a desigualdade com responsabilidades com o espaço e a produção familiar.

Seguimos com a fala da Sayonara Nogueira, uma das responsáveis pelo Instituto Brasileiro de Trans Educação⁸ e a primeira professora trans a ter reconhecido seu nome social, no Estado de Minas Gerais, em 2011. Também mostrou a diversidade de trabalhos e atividades realizadas com estudantes da escola pública de Uberlândia. No ano de 2009, iniciou um trabalho abordando a diversidade sexual no ambiente escolar, partindo de temas da Geografia como estudos populacionais e uma metodologia baseada em oficinas pedagógicas. Em sua apresentação, observamos os percursos educativos que podem ser potencializados entre ensino de geografia, gênero e sexualidades, como também os estudos geográficos desde a escala do corpo, discutindo em sala de aula a prevenção de

8 Instituto Brasileiro de Trans Educação — observatoriotrans.org. Acessado em 3/1/2020.

IST⁹, Aids, gravidez e outros assuntos que podem ainda ser tabus a profissionais na área de educação.

Outro ponto importante foi a menção que Sayonara fez sobre a literatura gris¹⁰ e citando os Dossiês que apontam as violências a população LGBTTTQIA. Estes dossiês foram iniciados pelo Grupo Gay da Bahia — GGB¹¹ desde 1997 até os dias atuais; passando pelo dossiê *A geografia dos corpos das pessoas trans* (2017) realizado pelo IBTE, e o *Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra Travestis e Transexuais no Brasil em 2018*, realizado pela Rede Trans Brasil¹².

Nos relatos e na conversa com a professora Sayonara pudemos ter contato também com o app IBTE, um canal com o intuito de efetivar alianças e estratégias significativas para o combate à transfobia no ambiente escolar. Atualmente também a Fiocruz, em parceria com outras instituições e organizações, lançou o app Dandarah, que propõe “facilitar à população LGBTTTQIA se informar, denunciar, registrar, enfrentar e evitar diversas formas de violência às quais está sujeita”. O nome do app homenageia a Dandara Ketlyn, brutalmente assassinada em 2017.

É necessário posicionar a questão que foi citada de forma informal, mas que traz um questionamento ao sistema acadêmico-institucional-plataforma lattes. A pesquisadora perdeu todos seus trabalhos acadêmicos anteriores, ao realizar a mudança ao nome com que se autoidentifica. Neste ponto, temos muitas e muitos pensadores e acadêmicas e acadêmicos que perderam reconhecimentos com a transicionalidade, um caso é de João W. Nery, que perdeu seu diploma de psicólogo.

Aceitei a vida, sem acertá-la:
as horas fora dos hábitos,
os ponteiros fora dos fatos
João W. Nery, O outro

9 As infecções sexualmente transmissíveis — IST são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. Atualmente esta terminologia passou a ser adotada em substituição à expressão doenças sexualmente transmissíveis — DST, porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

10 Uma literatura gris (cinzenta) pode ser entendida como um tipo de informação ou resultados de uma investigação que estão fora dos canais de publicação e distribuição comerciais ou acadêmicos. Geralmente incluem relatórios, dossiês, documentos de trabalho e avaliações. As organizações que produzem literatura cinzenta incluem departamentos e agências governamentais, da sociedade civil ou organizações não governamentais.

11 Grupo Gay da Bahia — grupogaydabahia.com.br. Acessado em 2/1/2020.

12 Rede Nacional de Pessoas Trans no Brasil — redetransbrasil.org.br. Acessado em 3/1/2020.

Aconteceram também dois cursos. Um deles foi “Cartografia temática com Philcarto (Básico)”, com Vinicius Santos Almeida, em três encontros nas manhãs dos dias 21, 22 e 23, e o outro “Gênero e sexualidades na análise espacial” com Joseli Maria Silva, na tarde de 22 de outubro.

No curso de Cartografia temática com Philcarto, pudemos ter acesso aos trabalhos da cartografia temática e novos modos de pensar a cartografia, desde seu *design* como também estarmos atentos a realizar mapas que dão acessibilidade a pessoas daltônicas. Durante os três dias de curso as alunas e alunes puderam realizar atividades de revisar como construir dados tabulados até aprofundar as discussões sobre as renovações da Geografia e seus debates, obtendo elementos mais ricos para análise. Outra questão interessante foi ter acesso a *softwares* livres e que realizam de forma mais intuitiva mapas temáticos, trazendo um material que pode ser aplicado em outras pesquisas e em atividades nas escolares.

No encontro entre estudantes e a Prof^a Dr^a Joseli M. Silva, numa tarde de terça-feira, foi repleto de *links*, reflexões e um turbilhão de referências de geógrafas feministas, como também a gama de metodologias, pesquisas relacionadas aos debates sobre a responsabilidade ética e propostas coletivas de grupos de pesquisa, trazem novas reflexões ao campo acadêmico. Abrindo a entender a pluralidade de histórias, visibilizar trajetórias de pesquisadores que enfrentam bases epistemológicas que invisibilizam as trajetórias que escapam a normas hegemônicas de pensamento e racionalidades pautadas em olhares heteronormativos e compulsórios.

Importante também recordar relatos de alunas que estavam presentes no curso, que puderam apresentar angústias ao entrar em contato e visualizar todas aquelas linhas de estudos que potencializam imaginações e flexibilidades, formando um pensamento mais amplo e complexo, que dentro de toda a vivência acadêmica nunca foi abordado. Ou ainda um relato de uma estudante não obteve a possibilidade de abordar na sua trajetória temas sobre gênero, sob a justificativa de que aquele não era um dos temas oficiais ou não pertenciam aos estudos geográficos dentro do Instituto de Geociências, realizando outros caminhos dentro de outros departamentos do Instituto.

Neste curso fomos apresentados a autores como a própria pesquisadora Joseli Maria Silva, mas também referências como Doreen Massey, geógrafa feminista e anglo-saxã. Também tivemos acesso a livros desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Territoriais — GETE¹³, com várias parcerias entre pesquisadores

13 gete.net.br. Acessado em 3/1/2020.

nacionais e internacionais¹⁴. O GETE com a editora Todapalavra liberaram estes arquivos digitalmente para difundir as pesquisas sobre gênero e sexualidades no âmbito dos estudos geográficos Brasileiros. Um movimento de militância e político em resposta ao atual governo que ataca as dissidências, as pesquisas científicas e os pensamentos que ampliam os debates sobre direitos humanos, da população negra, das mulheres e ampliação das histórias, que combatem a hegemonia de uma história única.

Para finalizar este relato, gostaria de manifestar como é importante promover debates contemporâneos e com múltiplas trajetórias de vida e de pesquisa e que potencializam imaginarmos possibilidades de construção de encontros que, ao mesmo tempo que nos desestabilizam, ampliam nosso olhar e nossa percepção. Fomentam o incômodo com questões tão encaixadas em lógicas invisíveis, mas que apresentam uma gravidade, um peso sobre nossos corpos, corpes e corpos. Estes corpes que fogem a normatividades, hegemonias de caminhos de pesquisa-vida-ação e afetação com as outras, outros e outres que estão no espaço social e democrático.

Neste momento de retrocessos, desmontes e ataques a pluralidades de línguas, histórias, cosmologias e visões, percepções, escalas, formas, corpos, existências outras que potencializam a vida e nossas imaginações *geopoéticas* e lutas por enunciação. Faz-se necessário criar táticas dos encontros do “aqui” e “agora” afetivos-políticos para desestruturar, driblar, infiltrar nas estruturas normativas. Estruturas formadas como tecnologias de poder-saber e controle, *psicosferas* instituídas e institucionalizadas que aniquilamento as potencialidades de vida. Faz-se necessário a enunciação da pluralidade de saberes e os conhecimentos para saberes geográficos pelos e com encontros entre as diferenças.

Agradecemos a Pró-Reitoria de Graduação da Unicamp, que mantém o edital para discentes que fomenta desde viagens a estudantes para eventos externos, como a criação de eventos internos e públicos sobre atividades acadêmicas, artísticas e científicas, a Associação de Geógrafos Brasileiros — Seção Campinas e o

14 Livros disponibilizados pelo Grupo de Estudos Territoriais com parceria da Editora Todapalavra: *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades* (2009), com organização de Joseli Maria Silva; *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial* (2011), com organização de Maria das Graças Silva Nascimento e Silva, Joseli Maria Silva; *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços* (2013) com Joseli Maria Silva, Marcio José Ornat e Alides Baptista Chimim Junior; *Geografias Feministas e das Sexualidades: encontros e diferenças* (2016), com organização de Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimim Junior; *Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades* (2017), com Joseli Maria Silva, Marcio José Ornat e Alides Baptista Chimim Junior.

Centro Acadêmico de Geografia e Ciências da Terra — CACT, que também apoiaram o evento.

Aos afetos, amores e encontros que fizeram parte deste evento, desde perto e longe, agradecemos a XI Semana de Geografia que aconteceu em 2018, que possibilitou uma mesa sobre Geografia e Diferenças: a Luta LGBTTT e o Feminismo na América Latina, e foi o primeiro encontro com a professora Joseli Maria Silva e Monica Colombara (Argentina), que produzem geografias feministas e de militância social.

Referências bibliográficas

- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.
- SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento;
SILVA, Joseli Maria. *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.
- SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: ____ (org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009a, p. 55-93.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides B. (orgs.). *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

* * *

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>